

Do choque cultural à conquista acadêmica: o percurso de uma estudante estrangeira no ensino superior brasileiro

From culture shock to academic achievement: the journey of a foreign student in brazilian higher education

Del choque cultural a la conquista académica: el recorrido de una estudiante extranjera en la educación superior brasileña

DOI: 10.55905/rcssv14n8-023

Received on: Jul 18th, 2025

Accepted on: Aug 8th, 2025

Olga Lucia Garcia Rendon

Graduanda em Enfermagem

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia

Endereço: Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

E-mail: olgagarcia25@gmail.com

Elias Jose Oliveira

Doutor em Imunologia Parasitologia Aplicadas

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia

Endereço: Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

E-mail: elias.oliveira@ufu.br

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato autobiográfico sobre os desafios enfrentados por uma estudante estrangeira no Brasil, durante sua trajetória acadêmica no curso de Enfermagem da Universidade Federal de Uberlândia, com uma abordagem descritiva, utilizando a metodologia autobiográfica para analisar aspectos como adaptação cultural, barreiras linguísticas, desafios emocionais e o papel do suporte institucional na permanência estudantil. Foram abordadas questões culturais e sociais que permeiam essa jornada, destacando como esses desafios a superação ao longo do percurso acadêmico. Foram discutidos os impactos das questões de gênero, maternidade e imigração na vivência universitária, influenciando a construção da identidade e o sentimento de pertencimento. A coleta de dados baseia-se na escrita memorialística da autora, analisada sob uma perspectiva reflexiva e interpretativa.

Palavras-chave: Educação Superior, Migração Acadêmica, Barreiras Linguísticas, Identidade e Pertencimento, Permanência Estudantil, Inclusão Universitária, Pesquisa Autobiográfica.

ABSTRACT

This paper presents an autobiographical account of the challenges faced by a foreign student in Brazil during her academic career in the Nursing program at the Federal University of Uberlândia. It uses a descriptive approach and autobiographical methodology to analyze aspects such as cultural adaptation, language barriers, emotional challenges, and the role of institutional support in student retention. Cultural and social

issues permeating this journey were addressed, highlighting how these challenges were overcome throughout the academic career. The impact of gender, motherhood, and immigration on the university experience was discussed, influencing the construction of identity and a sense of belonging. Data collection is based on the author's memoirs, analyzed from a reflective and interpretive perspective.

Keywords: Higher Education, Academic Migration, Language Barriers, Identity and Belonging, Student Permanence, University Inclusion, Autobiographical Research.

RESUMEN

Este trabajo presenta un relato autobiográfico de los desafíos enfrentados por una estudiante extranjera en Brasil durante su trayectoria académica en el curso de Enfermería de la Universidad Federal de Uberlândia. La investigación adopta un enfoque cualitativo y descriptivo, utilizando la metodología autobiográfica para analizar aspectos como la adaptación cultural, las barreras lingüísticas, los desafíos emocionales y el papel del apoyo institucional en la permanencia de la estudiante. Se abordarán las cuestiones culturales y sociales que impregnan este viaje, destacando cómo se superaron estos retos a lo largo de la trayectoria académica. Se discutirán los impactos de las cuestiones de género, maternidad e inmigración en la experiencia universitaria, influyendo en la construcción de la identidad y el sentimiento de pertenencia. La colecta de datos se basa en las memorias de la autora, que se analizan desde una perspectiva reflexiva e interpretativa.

Palabras clave: Educación Superior, Migración Académica, Barreras Lingüísticas, Identidad y Pertenencia, Permanencia de los Estudiantes, Inclusión Universitaria, Investigación Autobiográfica.

1 INTRODUÇÃO

No digamos, pues, que el hombre es, sino que vive... la Razón, consiste en una narración. [...]. Para comprender algo humano, personal o coletivo, é preciso contar una história.” (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 47).

Ao iniciar uma trajetória de vida, podemos nos inspirar em vários autores pelo mundo; assim, a individualidade pode construir uma grande sociedade quando é aglutinada em um propósito comum entre todos. O processo de construção da identidade individual e coletiva está diretamente ligado às narrativas que compartilhamos. No Brasil, um país de imensa diversidade cultural, as histórias de imigrantes ilustram essa dinâmica, demonstrando como diferentes grupos enfrentam desafios e deixam um legado significativo para a sociedade.

A imigração no Brasil é marcada por trajetórias de superação e resiliência. Muitos emigrantes deixam suas terras natais em busca de novas oportunidades e, ao se

estabelecerem no país, trazem consigo suas línguas, costumes e tradições, enriquecendo a cultura nacional. Essa diversidade se reflete na formação da identidade brasileira, conforme destacado por Stuart Hall (2006), ao afirmar que “uma cultura nacional é um discurso — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”.

Esse processo de reinvenção da identidade é ainda mais complexo no contexto acadêmico, em que a linguagem, os códigos institucionais e as relações sociais exigem do sujeito imigrante uma adaptação profunda. Segundo Castro e Silva (2010) e Moya (2018), a migração é atravessada por experiências de deslocamento simbólico e físico que impactam diretamente a reconstrução da identidade e da memória, especialmente quando inseridas no espaço universitário. Nesse contexto, as instituições de ensino superior são chamadas a atuar como espaços inclusivos e transformadores, capazes de reconhecer as pluralidades culturais como potencial formativo.

A obra *Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil* (DEBRET, 1834) oferece uma perspectiva valiosa sobre a formação cultural brasileira, destacando a diversidade e a complexidade do país. Debret descreve, em suas ilustrações e relatos, o cotidiano, as festas, os costumes e as dificuldades enfrentadas por diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira. Ele captura a essência de uma nação em construção, onde múltiplas influências se entrelaçam para formar uma identidade única e multifacetada. Como Debret aponta, o Brasil é um mosaico de culturas e histórias, cada uma contribuindo para a rica tapeçaria que é a identidade brasileira.

Neste contexto histórico atual, temos como referência o colombiano David Vélez, que trouxe um movimento de transformação no sistema financeiro do Brasil. Frustrado com a burocracia bancária tradicional, Vélez fundou o Nubank ao lado da brasileira Cristina Junqueira e do estadunidense Edward Wible. Seu objetivo era oferecer serviços bancários acessíveis e sem tarifas, especialmente para jovens estudantes. O Nubank rapidamente se consolidou como uma das maiores instituições financeiras da América Latina, transformando o mercado e facilitando o acesso a serviços financeiros (RODRIGUES, 2021; LIVINGSTONE, 2024).

Paralelamente, os relatos de superação são fontes inesgotáveis de inspiração e reflexão. Entre os mais icônicos está o diário de Anne Frank, uma jovem judia que viveu durante os horrores da Segunda Guerra Mundial. Sua obra transcende o simples registro

histórico, tornando-se um poderoso símbolo de resistência e esperança em tempos de extrema adversidade.

A trajetória de imigrantes que se estabelecem em novos países frequentemente envolve desafios significativos, incluindo discriminação, barreiras linguísticas e econômicas, e a necessidade de adaptação cultural. No entanto, muitas dessas histórias também são marcadas por inovação, perseverança e sucesso. Os imigrantes frequentemente trazem consigo uma diversidade de experiências e perspectivas que enriquecem o tecido cultural das nações que os acolhem.

Diante desse panorama, percebe-se que as trajetórias de imigração e superação desempenham um papel fundamental na construção das identidades individuais e coletivas.

Este trabalho busca, a partir de uma perspectiva autobiográfica, discutir os desafios de uma estudante estrangeira no ensino superior brasileiro, permeado pelo choque cultural e pelas conquistas pessoais. Ao compartilhar essa trajetória, pretende-se contribuir para um debate mais amplo sobre a importância da inclusão acadêmica e das políticas de permanência estudantil para imigrantes no Brasil, alinhando-se à pedagogia humanizadora e emancipatória proposta por Paulo Freire (1994), que defende a escuta e a valorização das experiências de vida como ponto de partida para o verdadeiro processo educativo.

2 METODOLOGIA

Este trabalho adota a abordagem das narrativas de vida cotidiana como metodologia, com foco na escrita autobiográfica para refletir sobre a trajetória de uma estudante estrangeira no ensino superior brasileiro, que consiste na descrição da jornada de luta da sua emigração da Colômbia, terra natal querida, até o estabelecimento na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. O relato autobiográfico permite compreender as experiências individuais e conectá-las a um contexto mais amplo, no qual fatores socioculturais influenciam a identidade e a adaptação dos imigrantes na academia.

O processo metodológico envolveu a reconstrução das memórias relacionadas aos contextos familiar, educacional e social, proporcionando uma análise mais aprofundada sobre os desafios e as transformações enfrentadas. Foram identificados momentos de ruptura e transição marcantes, como o primeiro contato com o idioma português, as

dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho e o impacto do sistema educacional brasileiro na formação acadêmica.

Além disso, a análise teórica foi integrada à narrativa autobiográfica para compreender as dificuldades enfrentadas por imigrantes no ensino superior, destacando a necessidade de políticas educacionais que promovam a inclusão e a equidade. No campo da educação, Paulo Freire (1994) reforça a necessidade de um ensino que respeite as experiências dos alunos, transformando a educação em um processo dialógico e libertador. A experiência da autora evidencia como o espaço universitário pode tanto reproduzir exclusões quanto se constituir em terreno fértil para o acolhimento e a emancipação.

A escolha pela autobiografia se fundamenta na importância de explorar as vivências pessoais dentro do processo de desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional, sobretudo em momentos de superação e enfrentamento de desafios, como exemplificado pela trajetória da pesquisadora. A escrita de si, conforme argumenta Delory-Momberger (2006), atua como uma prática formativa e reflexiva, permitindo que o sujeito compreenda sua trajetória e elabore novos sentidos para suas vivências, rompendo com silenciamentos históricos que frequentemente marcam as experiências de imigrantes.

Para Gusdorf (1991), a narração da vida em sua autenticidade não é uma recapitulação do que aconteceu, mas, necessariamente, uma interpretação, ou seja, uma obra sobre si. A própria escrita desempenha nessa circunstância um papel de intervenção ativa; o escritor de si não contempla “no espelho da escrita”; a escrita não é um espelho, mas um instrumento de inteligibilidade do caminho de si para si (GUSDORF, 1991, p. 393). Deste modo, escrever uma autobiografia é um processo de autodescoberta, permitindo ao autor explorar e compreender sua trajetória pessoal e sua vivência no mundo.

Dessa maneira, este trabalho se configura como uma experiência formativa, uma vez que, conforme destaca Delory-Momberger (2006), a narrativa autobiográfica possibilita ao sujeito ressignificar suas vivências e, com isso, elaborar e compreender sua própria identidade. Nesse mesmo sentido, Nóvoa (1992, p. 26) reforça que a escrita de si promove uma releitura da trajetória pessoal, constituindo-se como um momento fundamental na construção da identidade profissional.

O método autobiográfico adotado neste estudo, portanto, busca ir além da mera descrição, promovendo uma articulação entre experiência vivida e reflexão crítica, entre vivência subjetiva e contexto histórico, social e educacional. Ele se mostra especialmente relevante em contextos de mobilidade internacional e diversidade cultural, onde o sujeito se vê impelido a (re)construir sua identidade em meio a rupturas e (re)descobertas constantes.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 O CAMINHO DE SUPERAÇÃO E ESPERANÇA: UMA REFLEXÃO SOBRE DESAFIOS E CONQUISTAS

Ao responder à pergunta do meu orientador sobre o motivo de ter vindo morar em Uberlândia, mesmo havendo tantas outras cidades, acredito que não fui eu quem escolheu Uberlândia, mas sim que fui escolhida por ela. Inicialmente, vim para cá porque minha amiga, que me acolheu, já morava na cidade. Mesmo sem conhecer outros lugares, ao me estabelecer aqui, percebi que Uberlândia oferecia muitas oportunidades e logo comecei a buscá-las.

Iniciarei esta reflexão sobre minha chegada ao Brasil destacando minhas origens. Nascida em Bogotá, Colômbia, sou filha de pais colombianos que sempre foram referências fundamentais em minha trajetória. Meu pai, pedreiro, representou um exemplo de força e dedicação ao trabalho, enquanto minha mãe, responsável pelo lar, esteve constantemente presente, incentivando-me a buscar conhecimento e a desenvolver-me tanto pessoal quanto acadêmica.

Minha infância foi, em muitos aspectos, feliz, embora marcada por alguns desafios familiares. Fui privilegiada pelas oportunidades que meus pais não puderam ter, como estudar em uma escola particular, morar em uma casa confortável e espaçosa e desfrutar de brinquedos e momentos de lazer. Embora meus pais não tivessem completado seus estudos devido à falta de recursos, sempre se esforçaram para me proporcionar uma boa educação, o que foi o maior sonho deles, alcançado com o árduo trabalho de meu pai.

Guardo com carinho as lembranças dos momentos vividos com meus avós durante o Natal e das festas tradicionais da Colômbia, como a Fiesta de las Velitas, em que cantávamos músicas natalinas e preparamos comidas típicas. Essas memórias da infância

são, sem dúvida, as mais especiais, e sinto profunda saudade dessas celebrações, que, com suas cores e sons, sempre refletem a riqueza cultural do meu país.

Aos seis anos, enfrentei um dos momentos mais difíceis da minha infância, quando meu pai sofreu uma grave crise de saúde. Uma apendicite evoluiu para uma peritonite, colocando sua vida em risco e marcando meu primeiro contato com a área da saúde, que, mais tarde, se tornaria minha área de atuação profissional. Esse episódio teve um impacto significativo em nossa família, resultando em dificuldades financeiras e, eventualmente, na perda do nosso lar. A recuperação de meu pai nos trouxe alívio, embora a vida na capital se tornasse insustentável. Por isso, minha família decidiu se mudar para o Equador, onde meu pai encontrou uma oportunidade de trabalho. Essa mudança para o Equador representou o meu primeiro choque cultural, mesmo falando a mesma língua. As coisas não saíram como esperado, o que me levou a estudar em uma escola pública, morar em bairros periféricos e enfrentar uma realidade bem diferente da que estava acostumada.

O sistema educacional no Equador era precário, sem fornecimento de alimentação e com a necessidade de as famílias levarem uma cesta básica para preparar as refeições. Essa experiência foi um grande aprendizado, mas também um desafio. Após dois anos no Equador, retornamos à Colômbia, onde nos estabelecemos “próximos” de meus avós. A volta foi positiva, especialmente por me aproximar da família, mas a situação financeira de meus pais continuava difícil. Decidimos ficar na cidade para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos.

O processo para concluir o ensino fundamental e o ensino médio na Colômbia não foi fácil, principalmente devido à falta de recursos. A escola pública, embora rigorosa, não oferecia uniformes e enfrentava muitas dificuldades com a falta de materiais e o acesso limitado à internet. Isso me obrigava a utilizar lan houses, o que compromete ainda mais os recursos da família. Concluí o ensino médio, inscrevi-me em vestibulares para universidades, como a Nacional da Colômbia, mas, infelizmente, não obtive sucesso.

Diante da falta de perspectivas financeiras e acadêmicas, decidi buscar um emprego. A situação de minha família, marcada por dificuldades econômicas e conflitos constantes, levou minha mãe a trabalhar como empregada doméstica. Foi nesse período que conheci uma brasileira missionária que estava na Colômbia. Através dela, surgiu a oportunidade de mudar para o Brasil, o que, diante da minha situação, parecia ser a única saída. Despertou-se uma curiosidade pela cultura brasileira, pois, sinceramente, só me

reportava ao evento do carnaval no mês de fevereiro, ao futebol e ao samba e, portanto, tinham pouco conhecimento sobre o Brasil.

Em 2014 no mês de novembro, aos 21 anos, peguei o voo que me levaria ao aeroporto de Brasília, Brasília/DF, capital do Brasil, com escala primeiramente no aeroporto de Guarulhos, São Paulo/SP, capital do estado de São Paulo. Foi um momento repleto de ansiedade, medo e muita esperança de mudanças positivas. Ao chegar ao Brasil, a primeira sensação foi de me sentir perdida, pois não falava nada de português. Em Guarulhos, quase perdi o voo de conexão, pois não sabia qual caminho seguir, e as pessoas não conseguiam entender o que eu dizia. Felizmente, uma funcionária do atendimento me orientou para pegar meu segundo voo. Ao desembarcar no Aeroporto de Brasília, Brasília/DF, capital do Brasil, minha amiga missionária, de nome Francisca, estava à minha espera, acompanhada de sua família, mãe e seu padrasto. Foi ali que me senti acolhida e protegida. Posso afirmar que o povo brasileiro tem essa característica de saber receber bem, e isso foi extremamente importante para mim naquele momento.

Neste primeiro contato em Brasília/DF e após dormir uma noite na casa de amigos da Francisca, embarcamos em um ônibus para a cidade de destino final, Uberlândia/MG, onde, conheci novas experiências culturais, como o consumo de pratos típicos brasileiros, a culinária mineira e outros pratos de outras regiões do Brasil, como cuscuz, açaí e pequi. No entanto, as dificuldades não tardaram a aparecer, como a barreira linguística e o desconforto causado pelo meu sotaque. Fui recebida com certa desconfiança por alguns brasileiros, que faziam piadas sobre minhas origens, associando-me ao narcotráfico, um estigma presente na imagem que alguns têm da Colômbia. “A jornada de um imigrante é atravessada por experiências de desenraizamento, dificuldades pessoais, preconceitos, luto pelas perdas e, ao mesmo tempo, pelo aprendizado de uma nova cultura, sendo um permanente processo de (re)construção identitária” (CASTRO; SILVA, 2010, p. 45).

Na minha primeira compra no supermercado, lembro-me de tentar me comunicar para pedir um frango. Como não sabia o nome, tive que fazer sinais para que o atendente conseguisse me entender. Senti-me envergonhada e um pouquinho boba. Logo consegui meu primeiro emprego como garçone, apesar da dificuldade de me comunicar em português. Esse foi um momento de aprendizado intenso, e, com o tempo, fui aperfeiçoando meu português e conseguindo melhores oportunidades. Depois de um tempo, trabalhei em diversos empregos, como fiscal de loja e professora de espanhol, até conseguir estabilizar minha vida financeira. Busquei a legalização dos meus documentos

e consegui validar meu ensino médio. A grande diferença em relação à documentação foi que, no meu país, existe apenas uma cédula de identidade, enquanto no Brasil tive que fazer o CPF, RNE (Registro Nacional de Estrangeiro) e a carteira de trabalho. Fiquei surpresa com a carteira de trabalho, pois foi uma novidade para mim entender todos os benefícios trabalhistas que ela oferece, ao invés do que ocorre no meu país, onde só existe o contrato de trabalho. Decidi, então, retomar meus estudos e, com isso, iniciei um curso técnico de Enfermagem. Foi gratificante ligar para casa e contar minhas experiências, mas as ligações eram curtas, pois eu usava fichas telefônicas, o famoso telefone público, o orelhão, o que tornava tudo muito difícil.

A jornada de estudar e trabalhar simultaneamente foi desafiadora, mas me proporcionou a oportunidade de crescer profissionalmente. A tristeza, no entanto, tomou conta de mim quando, no final do curso técnico, recebi a notícia do falecimento de meu pai. A dor de estar distante de minha família e de não poder me despedir de meu pai foi uma das experiências mais difíceis da minha vida. Nesse período, precisei ajudar a minha mãe com o envio de dinheiro para ajudar nas despesas pessoais, mas as taxas de envio internacional diminuíram bastante o valor que chegava até ela. Mesmo com essa perda, continuei em frente, e, no ano seguinte, minha mãe se mudou para o Brasil para ficar comigo.

O caminho da superação foi árduo, mas eu nunca desisti de seguir em frente. Ao final do curso, consegui ingressar em um estágio remunerado em laboratório de análises clínicas, registrei o curso técnico de Enfermagem no Conselho regional de Enfermagem (COREN) e fui contratada para trabalhar como coletora de sangue no pronto-socorro de um hospital particular na cidade de Uberlândia/MG.

Após minha experiência, foi oferecida a oportunidade de trabalhar como técnica de Enfermagem no próprio pronto-socorro. Após trabalhar por um ano, recebi a oportunidade de mudar para o setor de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) coronariana. Sem experiência com pacientes graves, pude desenvolver novas habilidades. Assim, realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) do Governo Federal, para ingresso nas Instituição de Ensino Superior, sendo aprovada para o curso em uma faculdade particular no ano de 2019. Com o trabalho durante o dia e o estudo à noite, consegui melhores oportunidades salariais e financeiei um apartamento, que se tornou uma das minhas maiores conquistas pessoais no Brasil.

Devido a desentendimentos, meu relacionamento com um brasileiro, não teve continuidade. Mas, com o término descobri que estava grávida, da pessoa mais importante da minha vida: minha filha, o que representou um novo e grande desafio. Precisei conciliar os estudos, o trabalho e a gestação, enfrentando tudo praticamente sozinha. Inicialmente, não contei com o apoio do pai da minha filha, o que me trouxe uma enorme aflição diante da perspectiva de ser mãe solo.

A maternidade tornou tudo ainda mais difícil. Vivi momentos de desespero, medo, angústia, desamparo e desconfiança. Como imigrante, senti o peso da responsabilidade de cuidar, sozinha, de uma vida tão pequena e indefesa, longe da minha rede de apoio habitual e em meio a tantas incertezas. Durante o processo de gestação, muitas vezes acreditei que não conseguiria dar continuidade aos meus estudos. Até então, eu cursava minha graduação em uma faculdade particular e, com as novas responsabilidades, arcar com os custos das mensalidades parecia inviável naquele momento. O medo de ter que abandonar meus sonhos era constante.

Felizmente, diferente de muitas mães solo, tive a bênção de contar com o apoio da minha mãe, que foi essencial nessa fase da minha vida. Sua presença me permitiu continuar trabalhando e estudando, mesmo diante dos inúmeros desafios. Sou imensamente grata a Deus e a todas as pessoas que, de alguma forma, me estenderam a mão e me ajudaram nesse período tão delicado.

Em 2021, uma oportunidade inesperada surgiu: uma universidade federal publicou um edital de transferência para o ingresso de discentes oriundos de instituições de ensino superior particulares. Sem grandes expectativas, resolvi fazer a prova. Para minha surpresa, fui aprovada. Foi um momento de imensa gratidão, pois vi meu sonho ser retomado e se tornar realidade. Consegui ajustar minha jornada de trabalho no hospital, para o turno da noite, por ser o curso na universidade federal de turno integral.

Paralelamente, o auge da pandemia da COVID-19, trouxe ainda mais aflição e temor pela vida. Sou profundamente grata à ciência e aos profissionais da saúde, pois, graças à vacinação, não contrái o vírus SARCOV-2. Com a melhora nos índices de infecção, o Comitê de Crise Sanitária Municipal autorizou o retorno das atividades presenciais — inclusive na universidade. Esse retorno, no entanto, trouxe um novo e intenso desafio: conciliar a exaustão do trabalho noturno, a rotina de mãe de primeira viagem, as responsabilidades familiares e as aulas em período integral.

Tudo isso era enfrentado com o uso do transporte coletivo, que muitas vezes, por conta da lotação, me fazia perder compromissos importantes — tanto no trabalho quanto na universidade. Senti-me, por vezes, frustrada e impotente diante da imensidão dessa tarefa. Confesso que não foi fácil, principalmente por ter que ficar longos períodos longe da minha filha, especialmente em seu primeiro ano de vida.

Nesta situação de trabalho e estudo, para otimizar o tempo, foi necessário o desenvolvimento do "kit de sobrevivência", com comida, água, blusa de frio e vários outros itens que necessitasse durante esses longos períodos.

Durante minha graduação na universidade, várias vezes, precisei lutar contra o sono e a falta de empatia de alguns professores, que não compreendiam a situação dos alunos oriundos de outras faculdades, e em especial a mim, sendo estrangeira não naturalizada, senti na pele a xenofobia. O auge dos comentários desmotivadores de professores foram "por que você está na faculdade se não tem tempo?" "porque você foi engravidar nova?", "quais são as suas prioridades trabalho ou faculdade?", além de darem conselhos sobre como deveríamos lidar com as nossas vidas, baseando nos seus próprios exemplos, cominando com os pontos negativos dessa jornada em relação aos outros estudantes, tive dificuldades por ser transferida, devido a normatização interna da universidade, devido aos critérios prioridades de matrículas em componentes curriculares, e a chegada da pandemia, a falta de professores. Isso me trouxe incertezas e insegurança, pois muitas informações não eram repassadas, sente falta de suporte acadêmico para quem vinha de transferência ou já era portador de diploma.

No entanto, tive a oportunidade de conhecer uma comunidade latina na universidade, o que fortaleceu minha permanência na instituição e pude sentir acolhida e amparada, mas, senti falta, por parte da universidade, de mais incentivo para essas comunidades, e a criação de uma relação mais próxima entre aqueles que não vêm de intercâmbio e os estrangeiros não naturalizado.

Na minha experiência na universidade pude contar com dois auxílios estudantis que com certeza foram de extrema importância para minha permanência. O auxílio creche para as mães e o auxílio digital facilitaram muito minha permanência na faculdade e me incentivaram a continuar estudando. Ainda estou passando por esse processo, mas percebo que a falta de tempo, devido a minha situação — mãe, responsável familiar, trabalhadora assalariada, tem me impedido de aproveitar cursos extracurriculares ou outros recursos que poderiam contribuir para o meu desempenho acadêmico.

Sinto-me excluída de algumas oportunidades que demandam mais disponibilidade de tempo e, ao mesmo tempo, carrego uma sobrecarga de responsabilidades que, muitas vezes, não é reconhecida pelos professores e pelos colegas acadêmicos e de trabalho, até mesmo pela comunidade a qual sou inserida, assim, tem perguntas que me incomodam muito que sempre fazem: o que você está fazendo aqui? No seu país não tem comida e nem emprego? lá vocês comem igual a gente? Onde fica a Colômbia? Vocês falam igual a gente?

Ser mãe solo e estudante exige um esforço imenso para organizar minha rotina, de modo a conseguir equilibrar as tarefas acadêmicas, como assistir às aulas, estudar, realizar trabalhos e pesquisas, enquanto cuido das necessidades de minha filha, como alimentação, saúde, lazer e auxílio nas atividades escolares - sem contar a necessidade de, muitas vezes, levá-la à escola. Existe um estigma que associa o papel de mãe à ideia de que não estou totalmente comprometida com a vida acadêmica, o que acaba gerando uma sensação de exclusão e desvalorização no ambiente universitário, fato relatado acima.

Como mulher e mãe, é doloroso ouvir comentários como "E sua filha? Você não cuida dela?", pois sempre há julgamentos, tanto por parte de alguns colegas quanto de professores. Na minha formação como enfermeira, recebi também minha formação em licenciatura, como docente, na qual pretendo usar como aprendizado todas minhas vivências dentro e fora da faculdade para ser mais inclusiva construindo hábitos e saberes com os meus futuros pacientes e quem sabe meus futuros estudantes.

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1994). Sou muito grata pelo acolhimento de alguns docentes que, ao contrário de outros, me motivaram e reconhecem meu esforço. É extremamente importante o papel do professor que vai além de ver apenas o estudante na sala de aula, aquele que incentiva, escuta e entende as dificuldades pessoais e acadêmicas. Esse apoio faz toda a diferença na trajetória de quem, como eu, tenta conciliar as responsabilidades acadêmicas e familiares.

Como bem coloca Paulo Freire (1994), a educação deve ser um ato de diálogo, um espaço de troca onde as identidades dos envolvidos sejam respeitadas. Ao longo dessa jornada, aprendi que as barreiras podem ser superadas e que a esperança e a determinação

são fundamentais para aqueles que, como eu, buscam um futuro melhor. Zeneide Costa (2017) registra em seu trabalho de Conclusão de Curso a seguinte reflexão

[..] “Sou o que sou, sem deixar de ser. Produto da metamorfose das minhas vivências. Soma de várias experiências. Que enfeitam o meu viver. Sou fraca, sou forte. Não vivo de aparências. Externo ao mundo toda a minha existência. Corro atrás, não espero pela sorte. Plantei meus louros, agora posso colher. Se estou aqui, foi tudo consequência. Não subornei ou derrubei ninguém, usei minhas potências. Sonhar é bom, melhor é o sonho de viver. Meu interior é só prazer. Pois foi suprida a minha carência. Estudar e seguir uma carreira na docência. Realizar um dos sonhos recorrentes em meu ser”[...]

Confesso que em alguns momentos pensei em desistir da vida acadêmica porém vencer na vida nunca foi algo individual, mas coletivo. Eu vou vencer porque há pessoas que caminham e vencem junto comigo. A conquista da graduação não é apenas um sonho meu, mas o sonho de gerações que não tiveram essa mesma chance de crescimento pessoal e profissional.

Como pessoa em constante construção, busco compartilhar minhas experiências, compreender como elas moldaram minha trajetória e influenciam o caminho que continuo a percorrer. Faço parte de um espaço social onde minha história se entrelaça com a de tantas outras pessoas que, assim como eu, já trilharam essa jornada — cada uma com suas dores, lutas e singularidades.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao refletir sobre minha própria trajetória acadêmica como estudante estrangeira no Brasil, percebo como as barreiras culturais e linguísticas impactaram diretamente minha adaptação no ensino superior. Os primeiros semestres foram marcados por um sentimento constante de inadequação, alimentado pelas dificuldades de comunicação, pela insegurança em relação ao novo ambiente e pela ausência de referências culturais compartilhadas. A teoria de Stuart Hall (2006) sobre identidade como um processo em construção me auxiliou a compreender que essas dificuldades não representavam falhas pessoais, mas parte de um processo dinâmico de reconstrução identitária.

Durante esse percurso, compreendi que a universidade brasileira, embora multicultural na aparência, ainda carece de mecanismos efetivos de acolhimento para estudantes estrangeiros. A ausência de políticas institucionais específicas para imigrantes, como cursos intensivos de português ou acompanhamento psicopedagógico adaptado,

evidencia a necessidade urgente de transformação. A leitura de Castro e Silva (2010) confirmou essa percepção ao apontar que as experiências migratórias exigem da universidade a construção de práticas inclusivas que respeitem e valorizem as trajetórias singulares dos sujeitos.

Além das barreiras linguísticas, enfrentei desafios relacionados à maternidade e à conciliação entre as responsabilidades familiares e os estudos. Essa dimensão da minha experiência evidencia a importância de políticas de assistência estudantil que considerem a diversidade de perfis acadêmicos. Paulo Freire (1994), ao propor uma pedagogia baseada no respeito ao contexto de vida do estudante, oferece fundamentos teóricos que legitimam essa demanda: o processo educativo precisa dialogar com a realidade concreta do educando.

Do ponto de vista emocional, os momentos de solidão e saudade da terra natal marcaram minha trajetória. A escrita autobiográfica, como destaca Delory-Momberger (2006), funcionou como um espaço de elaboração simbólica dessas dores e de reconstrução do meu pertencimento. Recontar minha história me permitiu compreender que a migração é, também, um movimento de resistência e transformação.

A permanência no ensino superior foi possível graças ao suporte de alguns docentes e colegas que, sensíveis à minha condição, ofereceram apoio, escuta e mediações fundamentais. Essas redes informais de solidariedade foram essenciais para minha permanência e ilustram, como defende Nóvoa (1992), o papel da relação humana na formação acadêmica.

5 CONCLUSÃO

A trajetória acadêmica narrada neste trabalho revela as múltiplas dimensões da experiência de ser uma estudante estrangeira no ensino superior brasileiro. Os desafios enfrentados — desde as barreiras linguísticas e culturais até os dilemas relacionados à maternidade e à inserção social — configuram um cenário que exige do sujeito imigrante não apenas resistência, mas também reinvenção constante de si.

Ao longo desta jornada, a escrita autobiográfica assumiu um papel de destaque como instrumento de elaboração simbólica, resgate identitário e expressão da subjetividade. Como defendem Delory-Momberger (2006) e Gusdorf (1991), ao escrever sobre si, o sujeito produz um conhecimento singular que não apenas revela a própria

experiência, mas contribui para a compreensão de fenômenos coletivos. Essa escrita de si, articulada a uma perspectiva crítica e formativa, promove o empoderamento do sujeito e denuncia silenciamentos historicamente impostos às populações migrantes.

A análise da minha trajetória revela que a universidade ainda precisa avançar no desenvolvimento de políticas que promovam uma verdadeira inclusão. Como sugerem Castro e Silva (2010) e Moya (2018), a presença de estudantes migrantes desafia as instituições a repensarem suas práticas pedagógicas e administrativas, reconhecendo a diversidade como potência formativa. Isso inclui ações como acolhimento linguístico, assistência estudantil adaptada, e formação docente voltada à interculturalidade.

A experiência de permanência e conquista acadêmica também foi atravessada por redes de apoio informais e por educadores sensíveis ao contexto do outro, o que evidencia a importância da dimensão relacional da educação. Neste aspecto, a pedagogia do diálogo proposta por Paulo Freire (1994) se mostrou uma base teórica sólida para compreender como o vínculo e o reconhecimento são fundamentais para a transformação das realidades excludentes.

Além disso, compreende-se que a migração, embora marcada por dores, perdas e deslocamentos, também é lugar de potência e de reconstrução. O percurso acadêmico relatado neste trabalho é também um testemunho do poder transformador da educação, que, quando compreendida como prática da liberdade, torna-se caminho de superação, pertencimento e afirmação identitária.

A inserção da história de vida no espaço acadêmico, como defende Nóvoa (1992), não deve ser vista como algo menor ou meramente ilustrativo, mas como uma ferramenta epistemológica potente, capaz de iluminar aspectos estruturais da educação superior e de apontar caminhos para uma universidade mais democrática, plural e inclusiva.

Assim, este trabalho contribui não apenas com o compartilhamento de uma vivência pessoal, mas com a produção de um conhecimento situado, crítico e sensível, que pode alimentar reflexões mais amplas sobre a universidade que temos e a universidade que queremos construir.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Maria da Glória de; SILVA, Geralda. *Migração, memória e reconstrução da identidade na perspectiva de imigrantes latino-americanos*. Curitiba: **Universidade Federal do Paraná (UFPR)**, 2010

COSTA, Francisca Zeneide Mourão da. Narrativa autobiográfica da trajetória de uma menina/mulher com perda auditiva adquirida, em busca da formação acadêmica. 2017. 61f. **Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia** – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/xxxx>. Acesso em: 19 jun. 2025.

DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: **Círculo do Livro**, 1940.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A construção de si pela escrita: a narrativa de formação. In: FERRAROTTI, Franco (Org.). *Autobiografia: sociologia e política da experiência pessoal*. Petrópolis: **Vozes**, 2006. p. 61–77.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Editora **Paz e Terra**, 1994.

GUSDORF, Georges . Lignes de vie I. Les écritures du moi. Paris: **Odile Jacob**, 1991.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: **DP & A**, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: **Cortez**, 2007.

LIVINGSTONE, Jorge. Nubank Revolução Roxa: A história por trás da fintech. 1º ed. **Portuguesa**, 2024. Disponível em: NUBANK REVOLUÇÃO ROXA: A HISTÓRIA POR TRAS - Kindle. Acesso em: 02 de fev. de 2025.

MOYA, Jose. Migração e formação histórica da América Latina em perspectiva global. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, n. 49, set-dez 2018, p. 24-68. <https://doi.org/10.1590/15174522-02004902>

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: **Publicações Dom Quixote**, 1992.

ORTEGA Y GASSET, José. História como sistema. Madrid: **Alianza**, 1999

RODRIGUES, Fernanda. A revolução do Nubank e a experiência de David Vélez. São Paulo: **Editores Business**, 2021.